

RECENSÕES CRÍTICAS REVIEWS

José Baptista de Sousa, *Holland House and Portugal. English Whiggery and the Constitutional Cause in Iberia.*
Forewords by John Clarke and Maria Leonor Machado de Sousa.
London/New York: Anthem Press, 2018
(ISBN-13: 978-1-78308-756-3 e ISBN-10: 1-78308-756-0)

Miguel Alarcão
(NOVA-FCSH/CETAPS)

Historiador, investigador e ensaísta, José Francisco Apetato Baptista de Sousa (n.1966) é licenciado em História pela Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa (1994), Mestre pela Universidade de Buckingham (2000), com a dissertação intitulada “Almeida Garrett and Anglo-Portuguese Cultural Interaction 1800-1850”, entretanto publicada (Cf. *infra*), e Doutor (DPhil) pela mesma Universidade, com a tese “Holland House and Portugal, 1793-1840”, submetida em 2015 e que viria a dar origem à obra em apreço.

Além de investigador, desde 2000, do CETAPS – *Centre for English, Translation and Anglo-Portuguese Studies* (NOVA-FCSH) –, dos Serviços de Documentação da Biblioteca Nacional (2000-2002) e director, desde 2008, da Biblioteca e do Arquivo Histórico da Fundação INATEL, José Baptista de Sousa integrou a Comissão Comemorativa do Centenário da Morte de Eça de Queirós, presidida por Carlos Reis (2000). Em co-autoria com Carlos Reis e Luís Costa Dias, publicou ainda *Damião de Góis: Humanista Português na Europa do Renascimento* (Lisboa: Biblioteca Nacional, 2002); *Eça de Queirós: a Escrita do Mundo*

(Lisboa: INAPA, 2000) e *Garrett Político: Catálogo da Exposição* (Lisboa: Biblioteca Nacional, 1999).

As obras principais de Baptista de Sousa incidem sobre a história das relações políticas e culturais anglo-portuguesas no século XIX, sendo de destacar, além da referenciada em epígrafe, *Almeida Garrett (1799-1854), Founder of Portuguese Romanticism: A Study in Anglo-Portuguese Cultural Interaction* (Lewiston: Edwin Mellen Press, 2011). Representativas da especialização do autor em temáticas oitocentistas são também a tradução dos relatos manuscritos de *Lord e Lady Holland* e do Dr. John Allen, *Três Diários de Viagem em Portugal em 1808-1809* (Lisboa: Caleidoscópio/CETAPS, 2011) e a publicação de comunicações e artigos como “De Westminster a São Bento: a Aprendizagem do Parlamentarismo em Almeida Garrett”, *Actas do I Congresso Internacional de Estudos Anglo-Portugueses*, 2003, pp. 367-381; “ ‘Lisbon Declared for Doña Maria’: Convidados e Habitueés Portugueses da Holland House nos Anos de 1802-1838”, *Revista de Estudos Anglo-Portugueses*, n. 21 (2012), pp. 73-103; e, em co-autoria com John Clarke, “The Reception of the Braganças in England as Recorded in the British Press, 1827-1851”, *ibidem*, n. 24 (2015), pp. 147-175; “Extract of a Journal of a Journey to Portugal in 1804-1805 by Lord Holland”, *ibidem*, n. 23 (2014), pp. 251-265; e “Critics to Enthusiasts: the Hollands Discover Portugal” (*Portuguese Studies*, 21: 1 (2005), pp. 70-89).

Resultado de mais de duas décadas de investigação, a obra *Holland House and Portugal* (...) atesta a vasta investigação realizada e documentação consultada, impressa e manuscrita, em bibliotecas e arquivos nacionais e estrangeiros. Este estudo, demonstrativo de uma erudição e um rigor cientificamente exemplares, surge enriquecido por abundantes, utilíssimas e muito bem documentadas notas de rodapé, a par de um índice analítico completo e bem organizado.

No que toca, porém, à bibliografia fornecida, existem duas observações a fazer: em primeiro lugar, uma maior seccionação da mesma evitaria que, nas fontes primárias impressas (pp. 203-207), surgissem títulos como *A Odisseia*, *A Divina Comédia*, o *D. Quixote de La Mancha*, etc., intercalados alfabeticamente com as referências bibliográficas expectáveis ou mesmo “obrigatórias”, por assim dizer. Em segundo

lugar – e mais importante! – nós, que, ao contrário do autor, não somos historiadores, sentimos a falta de obras de referência e contextualização histórica sobre a primeira metade do século XIX em Portugal. Para dar alguns exemplos, é um pouco desconfortável, além de surpreendente, constatar a omissão de qualquer obra de Maria de Fátima Bonifácio, Maria Alexandre Lousada, António Pedro Manique, etc. Uma eventual edição em língua portuguesa – algo que vivamente se deseja e aguarda – poderá certamente colmatar tais lacunas.

Às duas apresentações, assinadas pelos Professores Eméritos John Clarke (Universidade de Buckingham) e Maria Leonor Machado de Sousa (NOVA-FCSH), seguem-se o prefácio, a introdução, intitulada “A Long-Lasting Relation” (1-9) e treze capítulos, distribuídos por três partes: “Champion of Liberties”, (11-59) “The Portuguese Question” (61-168) e “Aftermath” (169-202). Quanto ao período histórico abarcado, decorre entre 1793 (data da primeira visita de *Lord Holland* à Península Ibérica, mais especificamente a Espanha) e 1840, o ano da morte do aristocrata *whig*.

Como é sabido e tem sido, aliás, reiterado nesta mesma Revista, uma das primeiras áreas de investigação dos Estudos Anglo-Portugueses praticados na NOVA- FCSH, desde a década de oitenta, foi a literatura de viagens, independentemente das configurações (diarística, memorialista, epistolar, romanesca, etc.) tomadas pelas diferentes obras subsumíveis sob esta designação. Assim sendo, impõe-se uma breve referência às viagens realizadas pelos Holland¹ a Portugal (a primeira entre Novembro de 1804 e Abril de 1805 e a segunda entre Dezembro de 1808 e Janeiro de 1809, com regresso em Julho), anos que, consideradas estas balizas cronológicas, antecedem ainda, por um lado, o chamado “Bloqueio Continental” (1806) e a eclosão da Guerra Peninsular entre nós (1807) ou são já contemporâneos, por outro, das invasões francesas.²

1 Henry Richard Vassall-Fox (1773-1840) e Elizabeth Vassall (1771-1845).

2 *Lord Holland, Lady Holland* e Dr. John Allen, *Três Diários de Viagem em Portugal em 1808-1809*. Investigação, tradução e notas de José Baptista de Sousa. Prefácio de John Clarke. Casal de Cambra: Caleidoscópio_Edição e Artes Gráficas, SA, 2011.

Apesar do não muito grande protagonismo de *Lord* Holland na frente político-partidária interna, ofuscado, de algum modo, pelas figuras do seu carismático tio, Charles James Fox (1749-1806), e do seu sucessor à frente dos *whigs*, *Lord* Charles Grey (1764-1845), *Lord* Holland perfila-se, nos bastidores da Câmara dos Pares, como um homem influente na sensibilização das instâncias político-governativas britânicas para a implantação e implementação do liberalismo e do constitucionalismo ibéricos: no caso espanhol, participando de forma empenhada e activa no processo conducente à Constituição de Cádiz (1812); no caso português, talvez mais discreto e tardio,³ apoiando a causa e o regime liberais até aos primeiros afloramentos miguelistas (1820-23), mas sobretudo após a efectiva tomada do poder por D. Miguel (1828). De resto, como o autor demonstra, a conjugação de factores como o esboço de uma resistência internacionalmente visível a partir de 1829 (Praia, apelidada “da Vitória”, na Terceira, a ilha açoriana equivalente, de algum modo, à “aldeia gaulesa”), a chegada dos *whigs* de *Lord* Grey ao governo (Novembro de 1830) e os périplos europeus de D. Pedro e D. Maria da Glória (1831) contribuiria sobremaneira para uma maior explicitação do apoio britânico à causa liberal portuguesa. Neste quadro e ao longo, aliás, de todo o estudo, o autor conjuga, de modo indubitavelmente feliz, a narração dos intrincados factos históricos com a interpretação das movimentações diplomáticas e motivações políticas.

No plano anglo-português – o primordial para esta revista –, parece-nos de destacar o funcionamento da *Holland House*, não apenas (o que já não seria pouco!) como um “ponto de encontro”, quase um “mini-Consulado” oficioso, para os imigrantes liberais em Inglaterra, mas também por ilustrar o cariz largamente sociofamiliar do convívio protopartidário na primeira metade do século XIX, quando a existência de grupos, círculos, facções, alas e sensibilidades se sobrepuja ainda a formações políticas coesas ou relativamente homogéneas

3 “(...) whereas Holland played a significant role in the establishment of constitutional government in Spain in 1808-9, his direct involvement in the establishment of a similar system in Portugal appears minimal. Upon closer observation, however, it emerges that Holland’s apparent lack of interest owes more to the succession of extraordinary events affecting Europe as a whole in the aftermath of the Napoleonic wars than to any serious antipathy to Portugal.” (Sousa, 4; cf. também *ibidem*, 1-2)

do ponto de vista ideológico. Não menos interessante é a abordagem das relações, algo flutuantes, de amizade e sintonia política de *Lord Holland* com D. Pedro de Sousa Holstein, Conde, Marquês e Duque de Palmela (1781-1850),⁴ faltando, todavia, a nosso ver, uma maior caracterização global do pensamento político de *Lord Holland* em termos de articulação ou correlação com as posições e os quadrantes ideológicos portugueses seus contemporâneos (vintistas, carlistas e mesmo setembristas).

Finalmente, uma observação, provavelmente nascida da ignorância de um falante não bilingue nem nativo da língua inglesa: não teria sido preferível a utilização de "*Whiggism*" (termo utilizado, por exemplo, nas pp. 7 e 172) em vez de "*Whiggery*", que nos parece conter conotações depreciativas? Ou o autor tê-las-á por sinónimas?

Como nota José Baptista de Sousa, no final do Prefácio,

(...) despite many books on Holland House (...), there is no comprehensive life of Lord Holland, nor a study of his relations with Portugal and his contribution to the establishment of a constitutional regime in that country. If the present work goes some way to rectifying this omission, then I will consider the time I have devoted to the life of this great man – now some 20 years – amply rewarded. (xxi)

A modéstia e a discrição extremas do autor impedi-lo-ão, muito provavelmente, de reconhecer que a sua obra vai bem para além disso, apresentando-nos uma figura pouco conhecida dos próprios estudiosos e académicos anglo-portugueses. Nesse sentido e retomando a sugestão implícita deixada no início, a existência de uma versão desta obra em português afigura-se-nos, diríamos mesmo, um imperativo patriótico.

4 "Differences over Pedro's [D. Pedro, 1798-1834] reforms led to a deterioration in relations between Palmela and Holland who went so far as to question his former friend's liberalism. The rift (...) widened in September 1834, when Palmela became chief minister, apparently against the wishes of Holland's new hero, D. Pedro. (...) then close to death. Although Palmela later returned as a guest to Holland House, the friendship – once the main link between British and Portuguese liberalism – never fully recovered." (7) Sobre as relações entre os dois nobres a partir do termo da guerra civil e da morte de D. Pedro IV (o período denominado "devorista" ou do "devorismo"), vejam-se em particular as páginas 176 e 189.